

# Educação de olho no desenvolvimento

Ellis Wayne Brown \*

A integração entre a universidade e a empresa é um fator de importância fundamental no desenvolvimento socioeconômico do país, na medida em que não só deve fornecer quadros funcionais capacitados como também contribuir para o aumento da competitividade através de programas conjuntos de desenvolvimento tecnológico. O produto social do desenvolvimento competitivo de um país reflete-se, em última análise, na elevação da oferta de trabalho e da qualidade de vida de seus cidadãos.

Existe hoje uma tendência de flexibilização curricular por parte do Ministério da Educação e Cultura (MEC) que deverá permitir uma aproximação maior dos cursos universitários à configuração do mercado de trabalho, posto que qualidade na educação não se define apenas pela qualificação e dedicação docente, mas tam-

bém pela adequação dos conteúdos programáticos a objetivos funcionais significativos e claramente definidos.

Se a flexibilização curricular não ocorrer, os cursos de graduação continuarão engessados a exigências determinadas por comissões de especialistas do MEC, inviabilizando, com isso, parcerias com setores empresariais para o desenvolvimento de cursos efetivamente dirigidos a suas necessidades.

Isso seria lamentável não só para as empresas, mas também para os egressos dos cursos, que continuariam sem um posicionamento definido no mercado de trabalho, pois hoje os currículos de graduação levam à formação de generalistas que entendem quase nada tudo e precisam, ainda, buscar na pós-graduação uma especialização para se colocar adequadamente. O desejável, neste caso, seria uma graduação específica, dirigida à profissionalização e à em-

pregabilidade imediata, e uma pós-graduação mais abrangente, multidisciplinar e analítica, a exemplo dos MBA, voltada ao desenvolvimento de carreira.

Mesmo assim, a dinâmica na geração do conhecimento exige dos profissionais uma atualização constante. As áreas de ponta obsoletizam-se em ciclos cada vez mais curtos e os desafios da administração são renovados a cada dia. Isto demanda da educação uma rapidez de resposta cada vez mais acelerada.

Estamos, hoje, na era da globalização do conhecimento e das oportunidades competitivas que introduz a necessidade imperiosa da educação continuada, já mesmo na modalidade de entrega just in time. Desperta neste cenário a educação a distância, usando recursos da Internet, da videoconferência e da simulação virtual, hoje bastante viáveis e acessíveis.

A reserva de mercado da legislação e o corporativismo que ronda as comissões de especialistas podem, ainda por algum tempo, bloquear o ingresso das universidades estrangeiras na

área dos cursos que conferem titulação acadêmica, mas na área da educação continuada não existem barreiras.

Para atender a este momento, as universidades e as empresas

**Pesquisa e desenvolvimento não podem ser delegados às empresas individuais**

e o desenvolvimento tecnológico não podem ser tratados como responsabilidade isolada de cada empresa, dentro de um projeto de desenvolvimento nacional. As empresas nacionais não têm economia de escala para investir nesta área e, com isso, nunca ingressarão num padrão de competitividade global e o País nunca sairá do subdesenvolvimento.

As universidades públicas têm investido somas consideráveis em pesquisas, que, contudo, estão mais voltadas à retroalimentação acadêmica do que ao desenvolvimento socioeco-

nômico objetivo. As universidades privadas são muito recentes e buscam ainda a consolidação de seus modelos organizacionais de pesquisa.

Para gerar a aproximação da universidade com a empresa no campo da pesquisa, seria conveniente a formulação de uma política objetiva por parte das agências de fomento

do governo que priorizasse, neste momento, os investimentos dirigidos ao desenvolvimento socioeconômico.

Existe uma nítida percepção das áreas críticas e de oportunidades na questão da integração da universidade com a empresa, mas creio que faltam ainda interlocutores qualificados e politicamente motivados entre as partes envolvidas para concretizar esta questão. O pior pecado é o da omissão. ■

\* Pró-reitor de Planejamento da Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN).